

MOVIMENTO ARTÍSTICO

SÃO PAULO DAS SURPRESAS

Ruben Navarra

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

É um dos fenômenos mais estranhos nos anais da plástica brasileira contemporânea. Aconteceu em S. Paulo, berço oficial da nossa arte não-acadêmica. Confesso que me acho um pouco atordoado para bem olhar o caso. É a história de quatro rapazes paulistas, completamente desconhecidos, que o nosso amigo Carlos Scliar teve a idéia de lançar no Rio, embora todos eles tenham nascido depois de 1920.

Quando fui informado desse projeto, fiquei bastante intrigado. Achei demais que Scliar, um artista ainda não maduro, andasse feito empresário de "novíssimos". Era melhor que fosse cuidar da vida dele, trabalhar mais e aparecer menos, pois aquilo me cheirava a mecenato e pedagogia. Scliar me falava do plano e eu resmungava. Primeiro, não acreditava que ele tivesse mesmo "descoberto" quatro preciosos talentos plásticos em princípio de floração. Enjoada mania de ser empresário, pensei eu. Depois, isso não era função para um artista de 25 anos, que ainda não dominava os seus melos e nem se decidia a entrar a sério na pintura de cavalete...

Agora tenho que mudar de opinião, quando nada em relação ao primeiro ponto. Mas a importância da "descoberta" por ele feita é tão evidente a meus olhos, que me sinto, desta vez, quase inclinado a perdô-lo. Não só perdô-lo, como ainda agradecer. Ficamos-lhe devendo a revelação de uma experiência artística absolutamente inesperada, e que jamais suspeitaríamos estivesse tomando sua forma, silenciosamente.

Será um fenômeno realmente inédito assim? A primeira abordagem, a impressão é de completa surpresa. Ficamos meio irritados, e com alguma razão, à idéia levantada por aquele crítico inglês germanófilo, de que a pintura brasileira estava sofrendo demais a influência do expressionismo da Europa Central. Sim, senhor! O amável crítico tomara muito ao pé da letra a presença de alguns pintores europeus refugiados na exposição brasileira de Londres. Uma circunstância de ocasião transformou-se para ele em episódio da história da arte.

Seria razoável falar na existência de um "expressionismo" brasileiro até então? Nossa memória não esquece que Segal é hoje cidadão brasileiro e vive em S. Paulo há muitos anos. Sua arte, de origem expressionista, não pode deixar de ter influído no espírito dos pintores paulistas, tão afeiçoados aos temas sociais e ao sentido do drama interior. Mas em S. Paulo mesmo, havia outros pioneiros autóctones cultivando o mesmo espírito, sem nenhuma ligação direta ou indireta com



Marcelo Grassmann — "Desenho", 1945

a Europa Central. Pelo contrário, historicamente, as ligações internacionais (que palavra perigosa!) do "modernismo", como movimento organizado eram com Paris e não com Berlim. As orgias modernistas tinham como modelo a

gente de Cocteau e dos surrealistas. E quando, ainda hoje, o crítico Germain Bazin fala de "expressionismo" a propósito de Fortinari, nem de longe lhe ocorre comprometê-lo com a Europa Central.

Portanto, podemos dizer que

"Piuma al vento"

(Conto de Viriato Correia)

"Minha querida amiga — As notícias que lhe chegaram aos ouvidos a respeito de Maria Clara são quase todas falsas.

Não houve aquilo que, aí nas altas roldas, gostosamente, se classifica de grande escândalo.

O que houve foi um triste, um doloroso drama de amor. E, se o drama aqui fora souo com tanto estrondo, foi porque, na pacatez e no sossego de uma cidade de província, os menores ruídos sacodem sempre, a também porque o amor, eternamente velho, é eternamente novo nas suas ações, nas suas trajetórias e nas suas surpresas.

Vi tudo e a tudo assisti. Posso traçar o fato nas suas minúcias.

Aos 19 anos, quando Maria Clara se apaixonou pelo Alberto Coutinho, era a mais vibrátil e mais sonhadora de todas as moças de seu tempo. Linda, boa, com a graça fresca da sua mocidade morena, o que mais a tornava linda e o que mais graça lhe dava era jus-

quando queria ninguém lhe podia opor obstáculos.

Não tive remédio senão trazer o fotografado.

O quadro era de uma alta beleza trágica: ela, sentada, cabelos revoltos pelos ombros, olhos dolorosamente caídos sobre o corpo do noivo ensanguentado que lhe pousava sobre as pernas.

A encomenda do monumento foi feita na Itália. Meses depois chegavam as peças de mármore. Era uma dessas obras em que a gente sente um sopro de luz e um sopro de gênio. Maria Clara, em tamanho natural, aparecia em

(Conclue na 5.ª página)

é praticamente pela primeira vez que aparece um grupo de artistas realizando uma arte concientemente filiada ao espírito centro-europeu. Pensava que os quatro desenhistas de S. Paulo tivessem visto a exposição dos alemães anti-nazistas na galeria Askanazi. Mas o meu amigo diz que não, e ao mesmo tempo me dá informações seguras. Esses rapazes, com todo o fervor ortodoxo da primeira juventude, "descobriram" os expressionistas como outrora nossos poetas tuberculosos descobriam os românticos. E a eles se entregam sem nenhum medo. A esse entusiasmo, que transborda da pintura para as outras artes, inclusive a literatura, devemos opor apenas um pensamento de indulgência? Os nossos jovens amigos não merecem isso. Por mais juvenil que seja essa profissão de fé em seu entusiasmo, é impossível não levar a sério a tremenda força artística dessas dezenas de trabalhos gráficos. O talento desses rapazes auto-didatas é quase escandaloso. Se o ímpeto não arrefece, a tradição parisiense das nossas influências está ameaçada de um chisma... Bom, não convém exagerar. O trópico ainda é poderoso. Mais centro-europeu de formação do que esses rapazes de sobornos estrangeiros era o já citado Lasar Segall, e ficou manso como um cordeiro. Não faz mal que nessas floradas de primavera estejamos a vê-lo, dançando entre as folhas, os espectros de Kokoshka. Ainda bem que não estamos assistindo a um plágio vulgar. A técnica do mestre foi admiravelmente assimilada. E não tenho nenhuma vergonha de me entusiasmar com a variedade e riqueza plástica de Grassman (Marcelo), Audreattini (Luiz), Otávio e Saciloto, e a sua compreensão dos recursos gráficos do expressionismo. Empregam esses recursos com uma habilidade feroz. E não se diga que é só o truque da técnica — aqueles traços analíticos serpenteando, vibrando, se desintegrando, se enroscando, se despreendendo como fagulhas — mas é também o admirável sentido de composição, que se mostram principalmente em Grassman e Audreattini, sendo que o primeiro me parece o mais rico de temperamento e de técnica, pois é o único a fazer tentativa de desenho à maneira de gravura, e sai-se tão bem como no desenho puro. Enfim, não quero esquecer de observar a posição desse brasileiro Otávio, racialmente falando, metido na voragem dessa fuga até os manes de Kokoshka. Esses paulistas...

À margem das traduções

Existe da mesma autoria de...